

A Economia do Japão em uma Era de Globalização



Bolsa de Valores de Tóquio

*A Bolsa de Valores de Tóquio é a mais antiga do Japão, tendo sido estabelecida em 1878
(Foto: Cortesia de Getty Images)*

A Era de Alto Crescimento

A economia pós-guerra do Japão desenvolveu-se a partir dos resquícios de uma infraestrutura industrial que sofreu destruição generalizada durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1952, ao final da ocupação dos aliados, o Japão era um “país menos desenvolvido”, com um consumo per capita de cerca de um quinto do consumo dos Estados Unidos. Ao longo de duas décadas, o Japão alcançou um crescimento anual médio de 8%, possibilitando que o país se tornasse o primeiro a passar do status de “menos desenvolvido” para “desenvolvido” na era pós-guerra. As razões para isso ter acontecido incluem altas taxas tanto de poupança individual como de investimentos em iniciativas do setor privado, uma força de trabalho com grande ética laboral, o amplo fornecimento de petróleo a baixo custo, tecnologias de inovação, e uma intervenção governamental efetiva nas indústrias do setor privado. O Japão foi o principal beneficiário do rápido crescimento atrelado à economia do mundo pós-guerra segundo os princípios de livre comércio promovidos pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Acordo Geral de Tarifas e Comércio. Em 1968, a economia japonesa já havia se tornado a segunda maior do mundo, depois da economia dos Estados Unidos.

Entre 1950 e 1970, a porcentagem de japoneses que viviam nas cidades passou de 38% para 72%, aumentando expressivamente a força de trabalho industrial. O potencial competitivo da indústria japonesa cresceu de forma robusta, com um aumento médio de 18,4% ao ano nas exportações durante os anos 60. Depois da segunda metade da década de 60, o Japão alcançou anualmente um superávit na balança de transações correntes, com exceção de alguns poucos anos depois da crise do petróleo de 1973. Nessa fase, o crescimento econômico teve o apoio de fortes investimentos em iniciativas do setor privado, os quais eram baseados na alta taxa de poupança individual. Ao mesmo tempo, ocorreram mudanças significativas na estrutura industrial do Japão, com uma mudança de foco nas principais atividades econômicas, passando da agricultura e indústria de pequeno porte para a indústria de grande porte. As indústrias de ferro e aço, construção de navios, maquinário, veículos motorizados e dispositivos eletrônicos passaram a dominar o setor industrial.

Em dezembro de 1960, o Primeiro-Ministro Ikeda Hayato anunciou um plano para dobrar a renda, estabelecendo a meta de 7,8% de crescimento anual durante a década de 1960-1970. O planejamento econômico do governo direcionado para a expansão da indústria de base se provou extremamente bem sucedido e, em 1968, a renda nacional havia dobrado, alcançando um crescimento anual médio de 10%.



Fábrica de automóveis

Funcionários trabalham manualmente adicionando componentes solicitados em uma linha de montagem

(Foto: Cortesia de Toyota Motor Corporation)

Uma Economia Madura

O Plano Social e Econômico Básico do Primeiro-Ministro Tanaka Kakuei (fevereiro de 1973) projetou a continuidade das altas taxas de crescimento para o período 1973-1977. Contudo, em 1973, a política macroeconômica doméstica resultou em um rápido crescimento do abastecimento de capital, o que levou a uma ampla especulação por parte dos mercados imobiliários e de commodities domésticas. O Japão já sofria de uma inflação de dois dígitos quando, em outubro de 1973, a eclosão da guerra no Oriente Médio levou a uma crise do petróleo. Os custos da energia subiram acentuadamente e o iene, que não refletia sua real força, passou para o câmbio flutuante. A consequente recessão diminuiu as expectativas para o crescimento futuro, resultando na redução do investimento privado. O crescimento econômico diminuiu do nível de 10% para uma média de 3,6% no período de 1974-1979, e 4,4% durante a década de 1980.

Uma segunda crise do petróleo em 1979 contribuiu para uma mudança de base na estrutura industrial do Japão, passando de um foco em indústrias de grande porte para o desenvolvimento de novas áreas, tais como a indústria de semicondutores VLSI. Ao final dos anos 70, as indústrias de informática,

semicondutores e outras indústrias intensivas nas áreas de tecnologia e informação entraram em uma fase de rápido crescimento.

Assim como na era de alto crescimento, as exportações continuaram desempenhando um importante papel no crescimento econômico do Japão nos anos 1970 e 80. Contudo, o atrito comercial que acompanhou o crescente superávit na balança de pagamentos do Japão levou a clamores cada vez mais fortes para que o Japão promovesse uma maior abertura dos mercados domésticos e focasse mais na demanda interna como motor de crescimento econômico.

A Bolha Econômica

Depois do Acordo de Plaza de 1985, o valor do iene subiu acentuadamente, alcançando 120 ienes para cada dólar norte-americano em 1988 - três vezes o valor de 1971 segundo o sistema de câmbio fixo. O conseqüente aumento do preço de produtos de exportação japoneses reduziu sua competitividade nos mercados internacionais, mas medidas financeiras do governo contribuíram para o crescimento da demanda interna.

O investimento empresarial cresceu intensamente em 1988 e 1989. Com preços mais altos das ações, o valor das emissões de títulos de propriedade cresceram acentuadamente, marcando-os como uma importante fonte de financiamento para as empresas, enquanto os bancos buscavam uma saída para os fundos de desenvolvimento imobiliário. Por sua vez, as empresas usaram seus títulos imobiliários como garantia subsidiária para a especulação do mercado de ações, o que fez com que, durante esse período, o valor dos preços de terra dobrassem e o índice da bolsa de valores de Tóquio Nikkei aumentasse 180%.

Em maio de 1989, o governo apertou suas políticas monetárias para suprimir o aumento no valor de bens como as propriedades de terra. Contudo, taxas de juros mais altas levaram os preços das ações a uma redução espiral. Ao final de 1990, a bolsa de valores de Tóquio tinha caído 38%, representando perdas equivalentes a 300 trilhões de ienes (US\$2,07 trilhões), e os preços de terra caíram acentuadamente desde o ápice especulativo. Esse mergulho na recessão é conhecido como "rompimento" da "bolha econômica".



*Um dos principais cruzamentos do centro de Marunouchi (Tóquio)
Trabalhadores de escritórios enchem as ruas de Marunouchi, um dos maiores centros empresariais de Tóquio*

A recessão pós-bolha continuou até a segunda metade da década de 1990 e adentrou o novo milênio. Algumas melhoras temporárias na perspectiva econômica foram observadas em 1995 e 1996, parcialmente devido à queda do valor do iene e à demanda adicional gerada pelos esforços de recuperação do Grande Terremoto de Hanshin-Awaji, em janeiro de 1995. Em 1997, porém, diversos fatores pioraram a recessão rapidamente, como o aumento na taxa de consumo, a redução dos investimentos do governo e a falência de grandes instituições financeiras. Sentindo o peso de um alto volume de dívidas podres, agravado pelos preços de terra que continuavam em queda, as instituições financeiras apertaram suas políticas de crédito, forçando as empresas a reduzir seus investimentos em equipamentos e usinas. Somado à queda nas exportações causada pela crise econômica da Ásia, praticamente todas as indústrias tiveram redução de lucro. Os salários e a renda dos empregados também caíram, puxando os gastos com consumo para níveis ainda mais baixos e, em 1998, a economia japonesa registrou um crescimento negativo.

Em 1998, o governo estabeleceu uma estrutura de financiamento de 60 trilhões de ienes para fornecer os recursos públicos necessários para promover a recuperação econômica, além de alocar um adicional de 40 trilhões de ienes para medidas de emergência para compensar a redução do crédito pelas instituições financeiras. O orçamento nacional para o ano fiscal de 1999 incluiu um grande aumento nos gastos com projetos públicos e ações foram tomadas para reduzir as taxas, tais como o aumento nos créditos fiscais para novas aquisições residenciais. A partir de fevereiro de 1999, o Banco do Japão instituiu uma política de juros de curto prazo com taxas de 0% para facilitar o abastecimento monetário e, em março, o governo injetou 7,5 trilhões de ienes em recursos públicos nos 15 principais bancos.

Como resultados dessas medidas e do aumento da procura por produtos japoneses na Ásia, no final de 1999 e em 2000, sinais de recuperação foram observados, tais como aumentos nos preços das ações e crescimento de receita em alguns setores. Em 2001, contudo, a economia voltou à recessão devido a problemas internos - uma demanda interna sem muito dinamismo, deflação, a continuidade do fardo de dívidas podres carregado por bancos japoneses - além de fatores internacionais que incluíram uma redução nas exportações japonesas causada pela deterioração da economia norte-americana. A taxa de desemprego, que era de apenas 2,1% em 1990, subiu para 4,2% em 2012.

A economia chegou ao pior nível possível no início de 2002, entrando em um período de recuperação lenta, porém sólida, que continuou até a metade da década. Depois de persistirem por mais de 10 anos, as consequências negativas do colapso da bolha econômica parecem ter sido, em grande parte, finalmente superadas. O índice de empréstimos em moratória ou sob risco de moratória dos principais bancos caiu de 8% em 2002 para abaixo de 2% em 2006, e isso contribuiu para uma recuperação da capacidade de crédito bancário conforme os bancos puderam mais uma vez funcionar de maneira plena como intermediários financeiros.

Há uma crescente preocupação quanto as consequências que o envelhecimento da sociedade japonesa terá para a economia. Em 2012, aproximadamente 24,2% da população tinha 65 anos ou mais, e projeta-se que esse índice seja de cerca de 41% até 2055. Para minimizar os efeitos da contração da população economicamente ativa, será necessário aumentar a produtividade de trabalho e promover o emprego de mulheres e pessoas com mais de 65 anos. Além disso, reformas fundamentais serão necessárias no sistema previdenciário e em outros sistemas de bem-estar social para evitar grandes desigualdades entre as gerações com relação aos fardos suportados e benefícios recebidos.



Rua comercial em Akihabara (Tóquio)

Lojas especializadas em computadores, DVDs e outros dispositivos eletrônicos estão concentrados neste local

(Foto: Cortesia de Akihabara Shopping District Promotion Cooperative)

A Crescente Conexão com a Ásia

A parcela de bens manufaturados na porcentagem total de importações japonesas cresceu expressivamente desde a metade dos anos 1980, excedendo 50% em 1990 e alcançando 60% no final dos anos 1990, gerando preocupações sobre o esvaziamento da indústria japonesa. O crescente atrito comercial na segunda metade da década de 1980 e o crescimento elevado do valor do iene forçaram muitas empresas de importantes setores de exportação, especialmente os setores de automóveis e eletrônicos, a transferirem sua produção para o exterior. Fabricantes de produtos eletrônicos como TVs, videocassetes e refrigeradores abriram fábricas de montagem na China, Tailândia, Malásia e outros países da Ásia com alta qualidade e baixo custo de trabalho. Para tais produtos, a fatia de mercado representada pelos bens importados passou a exceder a de produtos do mercado interno.

Nos últimos anos, o rápido aumento nos importados manufaturados da China tem causado preocupação especial. Entre 2001 e 2005, os importados chineses para o Japão cresceram 170%. Durante o mesmo período, as exportações para a China cresceram em ritmo ainda mais rápido, alcançando 235%.

Além disso, a parcela ocupada pela China no comércio internacional com o Japão cresceu para 19,4% em 2010, ultrapassando os 15,4% dos Estados Unidos, e tornando a China o maior parceiro comercial do Japão. As exportações japonesas relacionadas a automóveis e eletrônicos domésticos digitais são fortes, com o total das exportações para a China superando o nível de 100 bilhões de dólares desde 2007. Desde 1988, o Japão tem registrado um contínuo déficit comercial com a China. Apesar disso, se considerada a grande parcela de exportações japonesas para Hong Kong, que acaba sendo contabilizada para a China, verifica-se que o Japão apresenta, na verdade, um superávit em sua balança comercial.

O aumento simultâneo no volume tanto da exportação como da importação de produtos de/para a China e o restante da Ásia é, em parte, resultado de uma divisão internacional da força de trabalho que ocorreu como parte da globalização industrial. As empresas japonesas exportam bens de capital (maquinário) e bens intermediários (componentes, etc.) para unidades de produção construídas com seu investimento direto na China para que, então, o produto final seja importado de volta para o Japão. Atualmente, ainda existe uma divisão vertical da força de trabalho, com o Japão sendo especializado em módulos e processos de alta tecnologia e conhecimento técnico, e a China sendo especializada em módulos e processos focados na força de trabalho. Conforme a China e outros países em desenvolvimento continuam a melhorar suas capacidades técnicas, contudo, o desafio para a indústria de manufaturados do Japão será o de manter uma vantagem comparativa nos setores de alta tecnologia e conhecimento técnico.